

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

---

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras nos anos de 2016 e 2017.

---

*Título:* Memórias da Academia das Ciências de Lisboa  
Classe de Letras  
Tomo XLV

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Impressão:* Gráfica 99

*Data de impressão:* 2024

*ISSN:* 0378-116X

*Depósito legal:* 61370/92

*DOI:* <https://doi.org/10.58164/ym5y-b965>

# Do Návía ao Mondego, semente da Língua Portuguesa

ISAAC ALONSO ESTRAVIZ

## O PORQUÊ DESTE TÍTULO

O título desta conversa podia ser: *Do Mondego* (Paróquia de Sada, Corunha) *ao Mondego* (Coimbra), *Semente da Língua Portuguesa*. Do *Eu ao Mondego*, *Semente da Língua Portuguesa*. Escolhi, afinal, *Do Návía* (nas Astúrias) *ao Mondego* (Coimbra), *Semente da Língua Portuguesa*, para estabelecer os limites de um rio a outro, considerando-o mais de acordo com a realidade histórica e corrigir, em parte, as palavras de João de Barros na sua Gramática da Língua Portuguesa que fala no Minho e o Douro:

*Nã sómte ôs que achamos per escrituras antigas, mas muitos q[ue] se usam antrre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa: os quâes alguns indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde nâç*

Sempre houve pola parte portuguesa um certo afã de ignorar as origens territoriais completas da sua língua, e pola galega procurar um diferencialismo inexistente. Não nego que tanto da parte de Além como de Aquém-Minho, se reconhece um momento na História de uma literatura comum a ambas as partes, a dos Cancioneiros Galaico-Portugueses das cantigas medievais. Atualmente existe um grande prurido de prescindir da Galiza e dos Galegos por parte de alguns portugueses e de certos galegos de prescindirem de Portugal. E mesmo entre os que reconhecem tal identidade ainda falam na língua galega e portuguesa como de duas realidades.

Ao falar na Galiza, estou a falar na Galiza que pertence politicamente ao estado espanhol. Mas todo o mundo sabe que em tempos dos Romanos a Galiza abrangia um território muito mais amplo. A Galiza, melhor dito, a *Gallaecia*, abrangia: parte das Astúrias, Leão, Samora, províncias galegas e o

território que chegava até ao Douro, ou segundo Rodrigues Lapa, *usque ad Mondecum*, até Coimbra.

O problema parece surgir porque a Galiza do Sul se converteu em reino independente e a do Norte passou a formar parte do que seria com o tempo o Estado de Espanha. De aí que os dirigentes portugueses confundissem independência linguística com independência política, o qual dá origem a um crasso erro. Portugal politicamente nunca foi território galego e Galiza cultural e linguisticamente nunca foi território espanhol. Portugal não perde nada reconhecendo a realidade galega como reconhece a brasileira junto com os países aos que levou a língua e a cultura e que hoje formam a comunidade internacional da Lusofonia. E Espanha ganha reconhecendo no seu conjunto um território político onde se fala outra língua de igual categoria e parecidas perspectivas internacionais. Galiza pode viver dentro de um Estado de língua diferente, com cultura e língua comum a outro Estado sempre que não se imponha nada contra a vontade. Há países onde convivem harmoniosamente territórios de línguas diferentes e Espanha e Portugal contam com outros estados independentes que falam as suas línguas.

Disse politicamente porque culturalmente continuamos a ser os mesmos. E Galiza, como reconheceram muitos intelectuais portugueses, que ultrapassaram o Minho, é física, cultural e linguisticamente uma continuação de Portugal ou vice-versa.

### COMO NASCE O NOME DA LÍNGUA?

Em textos redigidos em território da atual Galiza temos diferentes vocábulos ao referir-se aquele falar que se vai diferenciando do latim. Assim “Na *Historia Compostellana*, texto latino do século XII, aparece a expresión *gallaeco vocabulo*; e nunha relación de libros da biblioteca do arcebispo compostelán Bernaldo II dáse noticia, arredor de 1226, dun libro vello de sermóns *de littera galleca*, que con seguridade quererá indicar que estaba escrito en galego e non en latín” (Monteagudo, 1994: 171; Freixeiro Mato, 26 [...] Porén, a denominación predominante era, en contraposición a *latín*, a de *romanço* (aparece a fins do século XIV na *Crónica Troiana* e tamén nos *Mirages de Santiago*, por exemplo), xuntamente coa

de *lenguagem*, *linguagem* ou a *nossa linguagem*, estas máis frequentes en textos escritos en territorio português.”

O mais frequente é *romanço*, *linguagem* ou a *nossa linguagem*, sem especificar território algum. Mas nos *Miragres de Santiago* aparece já especificado: “Osana fili[o] Dauidi”, que quer dizer en lingoajen galego: “señor faysnos salvos!” (Pensado, 27). E na *Crónica de 1344* aparece especificada a linguagem com outro adjetivo: “... el rei dom Vermudo era mal doente de hũa door dos pees a que os físicos dizem pedraga, segundo a liguagem de Portugal” (Cintra III, 180). Como se pode ver, dão-lhe o nome do território onde está o escriba ainda que empreguem o mesmo léxico.

Só um bocado mais tarde, quando se começam a elaborar as primeiras gramáticas é que se fala da linguagem ou língua portuguesa, porque foram eles os que iniciaram esse labor. A Galiza já levava muitos anos amordaçada polo jugo de Castela e a língua estava desterrada de toda atividade escriturária e oficial. A História nos silenciou e aos nossos irmãos não lhes importou porque temiam cair nas mesmas gadoupas. Consideravam um menosprezo compartilharem língua e cultura com a Galiza sujeita ao Estado espanhol.

Hoje, os galegos, com um pouco de cultura, sabemos que a nossa língua se conhece internacionalmente como língua portuguesa e não temos complexos nem preconceitos de que assim seja. Por isso, umas vezes falamos em português e outras em português da Galiza ou simplesmente em galego. O idioma oficial do Estado espanhol também recebe nomes diferentes segundo seja o país em que se fala. Mas está-se a falar sempre da mesma língua, do castelhano.

## OS GRAMÁTICOS

Resulta por isso muito interessante pesquisar o que pensam os gramáticos portugueses a respeito do território onde nasceu a sua língua. Em nenhuma gramática se fala para nada da Galiza, quer como parte integrante na Espanha, quer como realidade política e linguística dos tempos antigos. Parecem mesmo ignorarem que existiu uma *Gallaecia* cuja capitalidade política e religiosa estava em Braga. Que essa *Gallaecia* deu origem em romance à Galiza, não só a que pertence hoje à Espanha, mas também a Portugal. Dizer que a língua

nasceu na Galiza (estou a referir-me ao território espanhol) é totalmente falso. O mesmo de falso se dizemos que nasceu em Portugal. (E muito mais ainda quando se diz que nasceu na Lusitânia). Nasceu num território comum que hoje pertence politicamente parte a Espanha e parte a Portugal, gostemos ou não da História.

Fernão de Oliveira. É o primeiro gramático português. Ele só menciona a Galiza no capítulo 41 quando nos diz que de Galiza deriva o gentílico galego. De resto quando tem de falar das particularidades linguísticas históricas sempre fala do Minho para o Douro. Ignora totalmente o que acontece do Minho para cima, do Minho até às Astúrias. Vejamos o que nos diz:

*Mas porque dixemos que os nomes de nações faziam no plural em ãos, alemão não faz assi, mas faz alemães, e bretão, bretões, e assi haverá outros muitos. A parte desta regra que mais comprende é dos nomes que mudam todo o ditongo, como lição, lições; podão, podões; melão, melões. Estes nomes, posto que parecem mudar mais que nenhuns dessoutros que já dissemos, todavia, se olháremos ao singular antigo que já tiveram, não mudam tanto como agora nos parece, porque estes nomes todos, os que se acabam em ão ditongo, acabavam-se em om, como liçom, podom, melom, e acrescentando e e s formavam o plural lições, podões, e melões, como ainda agora fazem. E outro tanto podemos afirmar dos que fazem o plural em ães, como pães, cães, dos quaes antigamente era o seu singular pã, cã, cujo testemunho ainda agora dá Antre-Dourominho.*

Resulta igualmente interessante o que nos diz no capítulo 47 ao falar dos verbos onde já não fala do Douro e o Minho, mas da Beira. Eis o que nos diz:

*Nos generos dos verbos não temos mais que ha só voz acabada em o pequeno, como ensino, amo e ando, a qual serve, como digo, em todos os verbos, tirando alguns poucos como são estes: sei, de saber, e vou e dou e estou e mais o verbo sustantivo, o qual huns pronunçiam em om, como som e outros em ou, como sou, e outros em ão, como são; e também outros, que eu mais favoreço, em o pequeno, como so. No parecer da primeira pronunçiação com o e m, que diz som, é o mui nobre João de Barros; e a rezão que dá por si é esta: que de som mais perto vem a formação do seu plural, o qual diz somos. Contudo, sendo eu moço, fui criado em são Domingos*

*d'Evora, onde faziam zombaria de mim os da terra, porque o eu assi pronunciava segundo que o aprendera na Beira.*

Nestes textos, Fernão de Oliveira, como veem, não faz a mínima referência a como se dão esses fenómenos na Galiza. Só se limita à parte portuguesa, desde o Minho para baixo. O seu texto era naquela altura galego-português e hoje é muito mais galego do que português, pois o léxico que ele emprega, como veremos mais adiante ainda está vivo na Galiza e, ainda que o pretendam negar, nas províncias do Minho e Trás-os-Montes.

João de Barros. Este gramático que se atribui a honra de ser ele o primeiro que faz uma gramática da língua portuguesa, publica a sua obra em 1540. Segue na mesma linha de falar do idioma do Minho para baixo. Mesmo me baseei nele para lhe dar título a este trabalho. Eis o que nos diz no *Diálogo em louvor da nossa linguagem*:

*A my muito me contentam os termos que se confórmam com o latim, dádo que sejam antigos: ca destes nos devemos muito prezár, quando nam achármos serem tam corrutos, que este labo lhe fáça perder sua autoridáde. Nã sómte ôs que achamos per escrituras antigas, mas muitos q[ue] se usam antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa: os quáes alguns indoutos desprezam, por nam saberem a raiz donde náç.*

É na Gramática onde faz referência, não sei se ao galego da Galiza ou ao galego do norte de Portugal quando diz:

*Os mais dos nomes que se deviam acabár, am, se escrevem a este modo. Razão, razões. E se o uso nam fosse contrairo que tem gram força açerca das cousas, nam me pareceria mal dester[r]lármos de nós esta prolaçam e orthografia galega. Porque a meu ver quando quisrem guardár a verdadeira orthografia destas dições, se deve dizer, razam, e no plural, razões. Ca este, m, final nosso tem aly o officio do mem çerrado dos hebreos, que e ha das letras que elles chamam dos beiços: a quá lhos fáz fechár quando acábam nella, de maneira que se vay fazendo aquela variaçam oandose a vóz. E este h módo de áfautár como se frautam os instrumentos de musica. E entam os que pouco sentm quere remediar o seu desfaleçimento escrevendo agalegádamente: podó sempre,*

*o, final todas as dições que acabam, am. E se a regra delles fosse verdadeira, em todos os verbos que na terceira pessoa do numero plural acabã nesta syllaba, ó deviam usár: e assi em outras muitas dições como páam, cáam. Isto nam guardam elles pois vemos que na formação do plural dizem cães pães: porque aqui vêem elles muito ao olho seu erro: que nã pôd dizer pães caões. Assi que a verdadeira formação destes nomes terminados em, am, quando vir ao plural diremos, formações: convertendo o am final em, õ, escrito a este módo, e acrescentãdolhe, es*

Duarte Nunes de Leão. É o terceiro dos gramáticos importantes no que me vou deter um bocado. Ele distingue perfeitamente os galegos da Galiza. Eis o que nos diz em *Ortografia e origem da Língua Portuguesa* quando intenta descrever o fenómeno da confusão entre v e b:

*O que muito mais se vê nos Galegos e em alguns Portugueses de Entre Douro e Minho, que por vós e vosso, dizem bós, e bosso, e por vida, dizem bida. E quasi todos os nomes, em que há u consoante mudam em b. E como se o fizessem às avessas, os que nós pronunciamos por b pronunciam eles por v.*

Mais adiante concreta ainda mais ao falar da terminação om que tinham os Portugueses e que ainda continua viva nas gentes de Entre Douro e Minho e os Galegos. Eis o que nos diz:

*E a razão dos ditos vocábulos se não escreverem por am e suceder aquelle ditongo, em lugar das ditas letras, segundo tenho advertido, é a analogia e respeito que a língua portuguesa vai tendo com a castelhana, que sempre onde a castelhana diz, an ou on que é a sua particular terminação, responde a portuguesa com aquella terminação de ão que sucede em lugar da antiga terminação dos Portugueses de om que punham em lugar an ou on dos castelhanos. A qual ainda agora guardam alguns homes de Entre Douro e Minho e os Galegos, que dizem, fizerom, amarom, capitom, cidadom, tabaliom, apelaçom.*

Na *Origem da Língua Portuguesa* Nunes de Leão distingue a Galiza da Lusitânia ao falar da existência das letras: E os Gregos que habitavam a Galiza e a Lusitânia e outras regiões de Espanha teriam a língua grega e as letras gregas.

Mas onde Nunes de Leão especifica claramente o seu pensamento acerca do galego é no capítulo VI: A língua que se hoje fala em Portugal, donde teve origem, e por que se chama romance. Ouçamos as suas palavras:

*Depois deste cativoiro, vindo-se recuperar muitos lugares do poder dos Mouros, pelas relíquias dos cristãos que da destruição dos Mouros escaparam nas terras altas de Biscaia, Astúrias e Galiza. E, fazendo cabeças de alguns senhorios, ficou aquela língua gótica, que era comum a toda Espanha, fazendo algha divisão e mudança entre si cada hum em sua região, segundo era a gente com que tratavam, como os de Catalunha, que, por àquela parte vir el-rei Pepino de França com os seus, ficou naquela província sabor da língua francesa e, se apartou, lhes ficou notável diferença entre ela e a língua de Castela e das de Galiza e Portugal, as quais ambas eram antigamente quase ha mesma, nas palavras e nos ditongos e pronunçiação que as outras partes de Espanha não têm.*

*Da qual língua galega a portuguesa se avantajou tanto, quanto na cópia como na elegância dela vemos. O que se causou por em Portugal haver reis e corte que é a officina onde os vocábulos se forjam e pulem e donde manam para os outros homens, o que nunca houve em Galiza.*

## ALGUM LÉXICO DESTES TEXTOS METALINGUÍSTICOS

### Alternâncias fonéticas

Nos três gramáticos encontramos-nos com bastantes alternâncias das quais vou sinalar umas quantas comuns ou quase comuns aos três:

Acrecentar (Ol.) 117.18...

Afremosenta (Ol.) 82.7.

Chuiua (Nunes) 172.1.

Cousa, comum a todos eles

Dereita (Ba.) 280.19.

Despois (Ol.) 99.23.

Dezer (Ba.) 318.11.

Enteira (Ba.) 279.5. Frequente na Galiza.

Enveja 282.9. Frequente na Galiza.

Dous (Ol.) Não está por nenhuma parte dois.

Fermoso/a (s) (Ol.) 91.23. (Ba.) 301.7.8.10; 398.16; 418.15. 426.3.13. (Nunes) 73.9; 73.11. Variantes atuais na Galiza.

Fermosura (Ba) 420.13; 426.4.10.14. Variante atual na Galiza.

Fruito (Ba.) 252.10; 430.18; 436.24; 442.22. Vivo na Galiza.

Fremosa (Ol.) 128.27.

Giolhos (Ba.) 271.13.21; 274.10; 275.13; 276.5.9.12; 277.19; 431.1.(Nunes) 166.6.

Joelhos (Nunes) 166.6 (rejeita-o por Gíolhos). Na Límia (Galiza), Trás-os-Montes e Montalegre existe também a variante jolhos.

Meiminho (Nunes) 230.10. Vivíssimo na Galiza, também com a variante mouminho, referido ao dedo mais pequeno.

Na/No (Ol.) Como terceiro alomorfo do artigo e do pronome: 109.2 (*Auctor, rector* e outras como estas não nas escreveremos com c ante de t.); 121.16 ... (onde primeiro naceo esta cousa a que chamamos *arcabuz* e quem no pario este nome...); 123.23 (...havia de apartar sua língua e não na deixar corromper); 147 (Mas porque dixemos que os nomes de nações faziam no plural em ãos...). (Ba.) 342.17 (fazem no pretérito em *im* e *us*); 344.3 (Os verbos da segunda conjugação fazem no infinitivo em *er*...). (Nunes) 55.6 (Mas ainda que pomos o *ph* por letra distinta das outras, não na, acrescentamos ao nosso alfabeto)

Noite / Noute 135.10. Ambas formas vivas na Galiza e Portugal.

Polo (Ol.) 81.19; 104.26, quase sempre. (Nunes) 138.29; 140-22-24 Também há bastantes por o | por a: (Ol.) 104.26... muito vivo ainda na província de Ourense.

Algum pelo (Ol.) (95. 22). (Nunes) 74.30; 92.20... Na Idade Média alternava na Galiza com polo mas que na atualidade é muito raro nos limites fronteiriços.

Perguntar (Ba.) 362.1 (perguntássem); 364.7 (perguntando); 368.5 (pergunta); 368.12 (perguntam); 388.13 (perguntamos); 403.4 (perguntáres); 414.10 (perguntár); 414.10 (perguntas); perguntáies 441.8 (perguntáies). (Nunes) 324.27.

Perguntar (Ol.) 93.3. É única variante que emprega. (Ba.) 346.20. (Nunes) 167.2.

Sam (som-são, verbo) (Ba.) 269.18 (em todo o texto).

Tisoira (Ba.) 448.6.

Titor, Tutoria 168.2-3 (condenado). Tutor, Tutoria.

Vezinho(s) (Ol.) 91.6; 130.111.26.27; 112.7.123.8; 129.11; 148.16

### Formas léxicas e morfológicas sublinháveis

Ai-ai (Ba.) Demonstra o prazer que sente a pessoa que acha uma cousa. Vivo no Concelho de Qualedro da província de Ourense.

Asinha (Ol.) 139.9; 154.10. (Ba) 347.4.

Avoa (Nunes) 73.2;175.1.

Carão (A) (Ol.) 128.22 que dá por antiquada e da que zombam, está vivíssima na Galiza com toda uma série de significados e viva em Trás-os-Montes, como se pode comprovar no Dicionário dos Falares de Trás-os-Montes, de Vítor Fernando Barros, p. 41 e também no Algarve (vj. *Dicionário do Falar Algarvio* de Eduardo Brazão Gonçalves, 2 ed. p. 23, como Acarão e carão (A) onde se diz que passou ao crioulo de Cabo Verde.

Cicais (Ol.) 118.28. Considerada antiquada e ainda viva na Galiza com a variante cecais.

Compengar (Ol.) 118.28; 12816. Talvez erro por Compangar, considerada antiquada e ainda muito vivo na Galiza e também em Trás-os-Montes (cf. *Dicionário dos Falares de Trás-os-Montes*, de Vítor Fernando Barros, p. 48).

Cuspido a seu pai (Nunes) 295.22 (condena-o). Muito empregado ainda hoje na Galiza.

Dizer (Ol.) com variantes próprias do Norte de Portugal e da Galiza: Dixe 139.18.19; 142.8; 151.3; 154.10. 2.3.5. Dixemos pp. 124.27; 145.7; 147.6. Dixer (futuro) 120.6; Dixeram, p. 130.1; Dixeramos p. 94.2; 119,21.23.

Dixe (Ba.) 359.18 (Antítesis quér dizer postura de lêtera ha por outra, como quando dizemos dixे por disse. A quál figura é àçerca de nós mui usáda, principalmente nesta lêtera x que tomámos da pronunçiaçám mourisca, ainda que alguns digam que devemos dizer *dixe* porque no pretérito latino este vérbo *dico* faz *dixi*). Barros erra ao atribuir aos mouros a origem da letra X, porque na nossa língua não é gutural como na castelhana.

Falcatrua (Nunes) 296.7 (condena-o). Muito empregado ainda hoje na Galiza. E nunca foi considerado vocábulo vulgar.

Fazedes (Ol.) 110.2-5 (E nos verbos, nas derradeiras sillabas das segundas pessoas do plural que acabavam em *-des*, agora mudamos o *-des* em *-is* e ajuntamo-lo em ditongo com a vogal que ficava antes, como *fazeis* por *fazedes* e *amais* por *amades*.)

Peró (Ba.) 264.18; 305.14; 313.12; 331.14; 351.6; 391.1.13; 399.18; 420.2.16; 421.9; 422.8; 423.8; 426.8; 427.8; 431.5; 435.5; 437.8; 438.19; 439.4.12; 440.11; 443.20; 450.13; 453.13; 454.2; 455.12; 460.10; 461.18; 465.1. (Nunes) 294.1.

Poento (Ol.) 137.14-15 (... e de *pó*, nem *poento* nem *pooso*, mas em outra figura e significado, *empoado*). Hoje *poento* e *poeirento*.

Sarnoso/sarnento (Ol.) 137.12 (E também dizemos *sarnoso* e não *sarnento*). Hoje ambas as formas normativas.

Vezeirinha (Ol.) 104.1; 112.1. (Fenómeno raro, pois o normal seria *vezeirinha* | *vizeirinha*)

### GALEGO E PORTUGUÊS LÍNGUAS DIFERENTES?

Para Fernão de Oliveira e João de Barros, esta questão não levanta problema nenhum. Simplesmente a ignoram. Para Duarte Nunes de Leão sim, como vimos anteriormente. Dedicar-lhe o capítulo VI que intitula: A língua que se hoje fala em Portugal, donde teve origem, e por que se chama romance,

*“... lhes ficou notável diferença entre ela e a língua de Castela e das de Galiza e Portugal, as quais ambas eram antigamente quase ha mesma, nas palavras e nos ditongos e pronunçiação que as outras partes de Espanha não têm.”*

Como se vê, para ele eram antigamente quase uma mesma, nas palavras e nos ditongos e pronunçiação. Admite, pois, já uma diferença entre as falas do Norte do Minho e as do Sul. Mas o que ele ignorava é que estava a escrever nessas duas variantes das que fala e que andando o tempo a sua sintaxe, o seu léxico continuaria a ser mais galego do que português para redundarmos nas diferenças de que fala.

Toda língua é elaborada através de uma escolha de variantes igualmente válidas e legítimas para constituir a língua padrão. Podemos comprovar através destes gramáticos como o que um considera legítimo outro o considera um erro. Mas muitas vezes o que é considerado espúrio, ilegítimo andando o tempo faz-se legítimo gramaticalmente e o verdadeiramente legítimo passa a antiquado ou incorreto. Isto pode ver-se justamente através de algumas variantes que escolhi,

comuns na Galiza e Portugal e a maioria ainda hoje vivas em ambos territórios. O correto e o incorreto, o elegante e o deselegante, são totalmente arbitrários.

Quando Nunes de Leão escrevia esse texto tinha de ter presente a situação da língua na Galiza. Passaram já muitos anos em que a língua estava amordaçada na Galiza em todos os âmbitos. Fazia muito que desapareceram os textos literários e também os não literários ou de notarias. De resto a sintaxe ainda hoje continua a ser a mesma, o léxico igualmente. As falas populares de aquém e além não divergem o mais mínimo. É certo que há muitas variantes, mas essas há-as em ambas as partes. E isso ainda hoje, depois de tantos séculos e de uma história adversa na Galiza para a língua.

O conceito de arcaísmos é também muito relativo. A respeito dos vocábulos cultos esses vêm a todas as línguas por via do latim ou grego. Podem mudar um bocado as pronúncias, mas de resto são as mesmas para todas as línguas românicas. E olho que essas pronúncias também variam de um tempo para outro. Dos vocábulos que proveem das conquistas é lógico que entrem na língua comum, pois nem os objetos nem os vocábulos delas havia no povo conquistador. E esses vocábulos entram legitimamente. Na Galiza, como a língua em que se desenvolvia a cultura dos galegos era a castelhana, entraram através do castelhano. Felizmente hoje essa situação pode ser superada e logicamente o caminho a seguir polos galegos é o da nossa língua comum.

### QUAL DEVE SER A NOSSA ATITUDE A PARTIR DE AGORA?

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII; o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de Torto*. Curiosamente, a denominação “língua portuguesa” para substituir os antigos títulos “romance” (“romance”), “língua”, “língua”, só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.” (Bechara, 24).

Por isso, tendo em conta os avatares da história e que quem prestigiou a língua e a levou fora das suas fronteiras foi Portugal ao tempo que ampliava as suas conquistas, primeiro ao norte de África e depois aos cinco continentes, e que

internacionalmente é conhecida por português, ainda que na história da literatura há um espaço de tempo que se conhece como galego-português e mesmo que apareça primeiro em documentos medievais como galego, o nome do idioma é português quer para Portugal, Brasil e PALOPs como para a Galiza. Falar hoje em galego ou português da Galiza é o mesmo. É também o caso de castelhano e espanhol. O de nomes é indiferente. O fundamental é que estamos a falar da mesma língua.

Acho que chegou o momento de mudarmos de comportamentos e de lhe apresentar cara ao problema existente na Galiza por parte de galegos e de toda a lusofonia. Em Portugal tem-se mudado um bocado ultimamente no registo de vocábulos nos dicionários oficiais com respeito às variantes portuguesas e dos outros países que têm a mesma língua. Estou a referir-me ao dicionário da Academia das Ciências de Lisboa. Isso nom acontece com variantes locais da Galiza que, por serem legítimas galegas, são verdadeiramente portuguesas.

No I Congresso Internacional da problemática da Língua Portuguesa no Mundo (1983) já se levantaram vozes galegas pedindo aos congressistas que tivessem em conta a problemática galega. O mesmo se fez nos congressos organizados por AGAL e também no fracassado Acordo do Rio (1986) e no posterior de 1990 em Lisboa. Prescindiui-se da Galiza na constituição da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (a CPLP) e, no entanto, estão a entrar países que nada têm a ver com a cultura e língua portuguesa.

Talvez isto se deva a razões de tipo político, o que nunca aconteceria com o castelhano. Polo menos até agora ao governo galego nunca lhe interessou. A Academia chamada da Língua Galega também não. Além disso, dirigir-se a eles seria perder o tempo tendo em conta quem a compõe. Mas na Galiza há agora a Academia da Língua Portuguesa na Galiza e também a Comissão Linguística da AGAL, composta por pessoas muito competentes que seria com quem teriam que contar nesses problemas.

Por isso ao propor-me elaborar um dicionário com o léxico da Galiza dei-lhe o nome de Dicionário do Português da Galiza. O léxico recolhido aqui na Galiza é o mesmo que se emprega em todo o norte de Portugal e mesmo na Beira, na Estremadura e no Algarve. Os clássicos portugueses, Camões e Gil Vicente, e os modernos como Camilo Castelo Branco e Torga, etc., são mais galegos nos seus escritos do que portugueses lisboetas. Léxico este que foi desterrado dos dicionários portugueses,

mas que, afortunadamente, se está a introduzir nos dicionários atuais, como o da Academia das Ciências de Lisboa, ainda registados como localismos. Mas localismos são todos, simplesmente que a uns se lhes tem mais em conta do que a outros.

Dizer simplesmente que o Dicionário do Português da Galiza não é um dicionário só para galegos ou portugueses, é um dicionário para todos os que têm como língua o português.

Tendo em conta que Galiza continua a ser, linguisticamente, uma continuação de Portugal para o norte e de que formamos um continuum cultural e linguístico, ao redigirmos o material tivemos em conta esta pertença e redigimos no Acordo Ortográfico do português europeu. Com isto não queremos dizer que seja melhor do que a variante brasileira. E como em Portugal se optou por uma dupla ortografia para muitos vocábulos que no Brasil ficam inalterados, nós optamos pela variante tradicional mesmo que nalguns casos coincidam Brasil e Portugal. Simplesmente por coerência.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO “A LÍNGUA PORTUGUESA NA GALIZA”  
DE 14 DE JULHO DE 2016)